



Transmissão de energia vive crise

00:00 · 15.02.2016

São Paulo. Exemplo de sucesso nos leilões públicos na última década, o modelo de licitação de linhas de transmissão parece ter se esgotado e desponta como potencial indutor de um novo gargalo no setor elétrico. As receitas, que antes eram consideradas adequadas para construir, operar e manter em ordem as linhas, além de remunerar o investidor, hoje, são vistas como entrave à atração de novos empreendedores. Para piorar, junta-se a isso o cenário econômico, com juros em alta, e medidas setoriais que ajudaram a reduzir o caixa das tradicionais empresas de transmissão.

O resultado tem sido uma crise de investimentos em novas linhas e subestações. Nos últimos três anos, 42% dos lotes colocados em licitação e considerados essenciais para a segurança do sistema não receberam proposta, segundo dados do Instituto Acende Brasil (complementados com dados levantados pelo jornal O Estado de S. Paulo). No ano passado, o resultado foi pior: 60% dos trechos ofertados não foram arrematados.

Desligamentos

A situação é ainda mais complicada se for somado a esse quadro o atraso dos empreendimentos arrematados. Ou seja, o governo não tem conseguido leiloar todos os lotes e os projetos que consegue licitar demoram para ficar prontos - o que "aumenta a possibilidade de surgimento de gargalos para o transporte de energia", afirma a consultoria PSR, em recente relatório. Isso significa ficar mais sujeito a desligamentos.

O presidente da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), Maurício Tolmasquim, confirma que os leilões frustrados de linhas de transmissão são um ponto de preocupação do governo, que já criou grupos de estudos para tentar encontrar alternativas para o problema. A taxa de retorno já foi elevada e o prazo para construção das linhas, ampliado.

São Paulo. Exemplo de sucesso nos leilões públicos na última década, o modelo de licitação de linhas de transmissão parece ter se esgotado e desponta como potencial indutor de um novo gargalo no setor elétrico. As receitas, que antes eram consideradas adequadas para construir, operar e manter em ordem as linhas, além de remunerar o investidor, hoje, são vistas como entrave à atração de novos empreendedores. Para piorar, junta-se a isso o cenário econômico, com juros em alta, e medidas setoriais que ajudaram a reduzir o caixa das tradicionais empresas de transmissão.

O resultado tem sido uma crise de investimentos em novas linhas e subestações. Nos últimos três anos, 42% dos lotes colocados em licitação e considerados essenciais para a segurança do sistema não receberam proposta, segundo dados do Instituto Acende Brasil (complementados com dados levantados pelo jornal O Estado de S. Paulo). No ano passado, o resultado foi pior: 60% dos trechos ofertados não foram arrematados.

Desligamentos

A situação é ainda mais complicada se for somado a esse quadro o atraso dos empreendimentos arrematados. Ou seja, o governo não tem conseguido leiloar todos os lotes e os projetos que consegue licitar demoram para ficar prontos - o que "aumenta a possibilidade de surgimento de gargalos para o transporte de energia", afirma a consultoria PSR, em recente relatório. Isso significa ficar mais sujeito a desligamentos.

O presidente da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), Maurício Tolmasquim, confirma que os leilões frustrados de linhas de transmissão são um ponto de preocupação do governo, que já criou grupos de estudos para tentar encontrar alternativas para o problema. A taxa de retorno já foi elevada e o prazo para construção das linhas, ampliado.